

# BRASIL-PORTUGAL



DE FEVEREIRO DE 1906

N.º 169



## AS ESCULPTURAS DA VIRGEM PARA O NOVO TEMPLO QUE SE VAE FUNDAR EM LISBOA À IMMACULADA

MAQUETTES PREMIADAS COM O 1.º PREMIO: — Nossa Senhora do Rosario, Costa Motta. — Nossa Senhora do Carmo, Costa Motta (sobrinho). — Nossa Senhora das Dores, Francisco Santos. — Nossa Senhora do Sagrado Coração, Arthur Gaspar dos Anjos Teixeira. — Nossa Senhora do Bom Conselho, Anjos Teixeira.

MAQUETTES QUE OBTIVERAM O 2.º PREMIO: — Nossa Senhora do Rosario, Moreira Rato. — Nossa Senhora do Sagrado Coração, Costa Motta (sobrinho). — Nossa Senhora das Dores, Anjos Teixeira.

## O 8.º anno do "Brasil-Portugal"

**A**bre este numero o oitavo anno da nossa existencia. Superfluo seria repetir o que no numero anterior dissemos. Sete annos de trabalho ininterrompido, de execução fiel de um programma, e de quantos aperfeiçoamentos a experiencia aconselha, ahí estão a garantir, pelo passado, o futuro. Não temos outro fim, não fazemos novas promessas. Procuraremos invariavelmente que o dia de amanhã se avante ao dia de hontem; que um melhoramento de hoje exceda o anterior.

Progrediv sempre, não recuar nunca, aperfeiçoar todas as vezes, e correspondir todos os quinze dias ao favor que nos dispensa e com que nos penhora o publico de Portugal e do Brasil é todo o programma, e é todo o orgulho do «Brasil-Portugal».

# CHRONICA

## Portugal e a Argentina



presença em Lisboa do actual ministro da Republica Argentina n'esta côrte, o sr. dr. Mariano Demaría, fez reviver a questão *Argentina-Portugal* que tantas vezes tem sido debatida e que tão amplamente tem sido tratada n'esta Revista.

Mais de uma *interview* com esse diplomata acaba de apparecer nos jornaes, e os pontos de vista e as afirmações que pelos *interviewers* lhe são attribuidas, e que devem ser authenticas, porque não foram contestadas, dão margem a reflexões graves e avigoram a orientação seguida por aquelles que muito querem á sua patria e que para ella ambicionam todo o desenvolvimento e todas as prosperidades.

Não podia n'esta entrevista deixar de ser o ponto culminante a navegação entre a Republica Argentina e a Europa, e, dado este topico, logo a conversação deveria recahir sobre este outro: a preferencia do porto.

Pois, sobre assumpto de tão magna importancia para nós, foi esta a fórma porque se exprimiu o diplomata argentino:

— Pela sua situação e condições excepcionaes o porto de Lisboa está naturalmente indicado para ser preferido, mas...

Este *mas* desenvolveu-o o ministro por fórma a não deixar duvida alguma sobre o dever que nos corre de nos prepararmos e de nos defendermos. Este *mas*, é não só um alerta, mas no seguimento da *interview* foi mais do que isso, porque foi um conselho e um ensinamento. Este *mas* partindo de um homem que não é compatriota nosso, e que é, pela sua situação, obrigado a reservas, é um compendio de observação e de analyse, e toda a lição que n'elle se contém deve constituir um evangelho nacional.

— Mas, não basta isso, acrescentou o ministro argentino, é preciso uma conjunção de serviços e de circumstancias de que resultem todas as facilidades, todas as commodidades, e toda a rapidez para os passageiros que se dirijam para o centro da Europa.

E logo a seguir poz em relevo, como se fosse um advogado nosso, a vantagem da proxima inauguração do posto marítimo de desinfecção, e a necessidade de melhorar por completo o serviço do *sud-express* Lisboa-Paris, porque os argentinos não olham a dinheiro em troca de commodidades e confortos.

— Mas não basta isoladamente uma coisa ou outra, acrescentou o representante da florescente Republica americana, é preciso que ellas se conjuguem e se liguem todas no mesmo esforço.

E como esclarecimento informou que só o congresso argentino, que se reúne em maio, poderá resolver a questão de preferencia, que está já convertida n'um concurso internacional, sendo Portugal e a Hespanha os concorrentes, e sendo travada a lucta entre tres cidades: Lisboa, Vigo e Cadix.

Mas o porto de Lisboa está naturalmente indicado para ser preferido — é um alto representante da nação argentina quem o diz —; depois d'esta afirmação peremptoria que temos nós a receber tendo juizo?

Porque é que não pômos a valer mãos á obra para que em maio proximo nenhum obstaculo se levante, nenhum melhoramento deixe de estar executado, nenhuma razão de qualquer ordem autorise em favor de qualquer porto de Hespanha a preferição do amplo, do formoso, do incomparavel porto de Lisboa?

Na consecução d'este fim patriótico não descance um minuto o governo portuguez, não tenha uma hesitação de qualquer ordem a associação commercial de Lisboa não descance a imprensa na patriótica campanha a favor d'este *desideratum*, não regateie o parlamento quaesquer medidas que facilitem a execução de tão vantajado plano.

Pela nossa parte proseguiremos infatigavelmente na missão que nos impozemos. Dezenas e dezenas de paginas tem sido consagradas, em numeros anteriores, ao porto de Lisboa e aos seus melhoramentos, e quer por meio de artigos illucidativos quer pela



Mariano Demaría

Ministro da Republica Argentina em Lisboa

sugestão da gravura, largamente nos temos occupado dos projectos conhecidos, e lá fóra, ao Brasil e á Republica Argentina, onde mais necessaria se torna a propaganda, temos levado em milhares de exemplares o nosso brado, o nosso appello a favor de uma idéa, util á Portugal e util á civilisação.

Ficar a meio caminho chega a affigurar-se nos um crime de lesa patriotismo. Quem porfia alcança, diz o dictado, e porfiar é, no caso sujeito, um dever de honra, um dever civico.

A verdadeira, a grande politica é aquella que cura e zela os interesses nacionaes, e á frente d'elles deve estar attento e sollicito o governo da nação. Digámos pois nós todos ao governo que este assumpto, pela sua importancia deve primar a muitos outros que demasiadamente nos interessam, e que a realisação d'este *desideratum* se impõe como um dever nacional.



D. Jacinto Villegas

Encarregado de negocios e consul geral da Republica Argentina em Lisboa



Uma Aurora

Tejo era cristal puro... não te rias, porque era, apesar da velha imagem dos poetas românticos...

A baroneza que seguia com extraordinário interesse a historia de sua amiga, que a olhava com um olhar espantado, interrompeu a de repente:

— E foram passear pelo rio?...

— Fomos. Quem t'o disse?

— Sonhei...

— O quê! sonhaste que...

— Que... que a noite estava de luar, que o Tejo era de cristal... apesar da velha imagem dos poetas românticos... que teu marido tinha ido passear n'um bote pelo rio... e

— E comigo!

Comti... Bertha não pôde acabar. Tapou de repente a cara com a ponta da coberta de seda cor de rosa, n'uma convulsão de riso, de um riso nervoso inconsciente, contrafeito para não deixar perceber á sua intima, á sua querida confidente, os pequenos soluços que lhe entrecortavam as palavras, e as lagrimas que lhe cahiam em fio, como pingos de prata crystalisada, dos seus olhos azues...

Queres tu vir connosco para Cintra, perguntou-lhe a condessa, depois de terem estado um bom quarto de hora. Bertha, contando o sonho, ella o passeio, e ambas rindo d'aquella coincidência graciosissima, como a condessa lhe chamava.

— Não posso, queridinha, o barão faz hoje annos.

— Faz! E quantos?

— Sessenta...

— O quê, ainda?

— Já... murmurou Bertha, n'um longo suspiro... demorado... triste...

JOÃO COSTA.

... Porque para dar, e não para se guardarem, as riquezas mundanae se hão-de desejar.

FRANCISCO DE MORAES.

Não ha cousa mais cara que a que custa vergonha.

FERNÃO MENDES PINTO.

— Exactamente, um sonho mau...

— E o que foi? Conta-me — sabes que morro por historias de sonhos... Algum cavalleiro de capa e espada que te appareceu de noite como nos antigos tempos, Mephistoteles, ou phantasma dize, peço te...

— Não, não me appareceu ninguém...

Bertha não pôde conter um sorriso, um tanto contrariado pela presença da sua amiga. Lembrava-se ainda de seu repentino despertar, das cartas da condessa, d'aquellas confissões ás noites junto ao fogão...

— É's má, continuou a condessa, pois eu não sou assim, e vou descrever te a noite deliciosa, que passei hontem...

— Onde?

— Por esse mundo fóra...

— O que?

— Sim, por esse mundo fóra. Eu e o conde fomos hontem á procura de uma aventura como quaesquer dois enamorados sentimentaes ou dois amantes fugitivos. Aborreciamos-nos em casa. Eram dez horas, sahimos. A noite estava admiravel, um luar magnifico... Passámos pelo atherro... O



Depois de jantar

## Em hasta publica

*Dentre as mulheres fôste a mais querida.  
(Só de lembrá-lo, a alma se me parte!)  
E' que ninguém, nesta mesquinha vida,  
Seria, como eu, capaz de amar-te.*

*Tu sabes que te amei immensamente,  
Se algum dia soubeste o que era o amor;  
Mas eu sinto que tu, cynicamente,  
Husde sorrir d'esta infinita dor...*

*Sim, porque só um coração que amou  
E já de fundas meguas se viu cheio,  
Pelos prantos sagrados que chorou  
Pôde medir o infortunio alheio!*

*Tão humilde e tão pobre, nem eu sei  
Que maes sestro me fez pensar em ti!  
Era a paixão, o imperio d'essa lei  
De que o teu labio mudamente ri...*

*Flôr perversa do vicio e da ambição,  
Eu não podia dar-te as grandes azas!  
Voaste ao prazer, ao luzo... e o coração  
Ficou-me a arder, sobre um montão de brazas!*

*E assim entrei, fúnebremente anciado,  
No basar onde a carne é posta á venda.  
A tua era a mais bella do mercado:  
Foi para ti a mais valiosa offerenda.*

*Quem dá mais? Quem dá mais? Milionarios  
Cravavam no teu seio o olhar de fêra...  
Faziam crêr em ceus extraordinarios  
Os teus olhos gentis, como a chimera!*

*Deram-te muito oiro. Triste, a um canto,  
Vi-te sahir vendida, sem chorar...  
Só eu, apenas, que te amára tanto,  
Nem lagrimas achei para te dar!*

*Mas nem tu sabes minha dôr agora;  
Pois só um coração de meguas cheio,  
Pelos sagradas lagrimas que chora  
Pôde medir o infortunio alheio.*

*Pague-te Deus em bem tamanho mal;  
Que ao vêres tu essa belleza morta,  
Verás então quanto um affecto valle,  
E affecto has de implorar, de porta em porta!*

*Não me verás a mim: Serêi já morto.  
Como os antigos monges, em supplicios,  
Na aridez desolada do meu horto,  
Rasgarei minhas carnes, com cillicios.*

Lisboa, novembro de 1905.

RAPOSO DE OLIVEIRA.



Gabava-se Talleyrand de que ninguém como elle conhecia as regras da etiqueta e sabia dar a cada pessoa que recebia em sua casa o tratamento que lhe competia. Assim, dando um almoço a que assistia um principe de sangue e com elle muitos fidalgos e pessoas de situação diversa, e sendo Talleyrand quem trinchava, segundo o velho costume hoje completamente passado de moda, Talleyrand disse ao principe:

— Posso ter a honra de mandar a Vossa Alteza um bocadinho de bife?

A um duque — Dê-me v. ex.<sup>a</sup> licença que lhe mande um pouco de bife.

A um marquez — Marquez, posso-lhe mandar um pouco de bife?

A um visconde — Visconde, queira receber um bocadinho de bife.

A um barão — O barão quer bife?

A um fidalgo sem título — Um bocadinho de bife, senhor?

Ao seu secretario — Bife?

Mas reparou que ainda havia um conviva de uma posição inferior á do secretario. Era difficil encontrar uma formula nova. Mas Talleyrand não trepidou. Olhou para o seu hospede humilde sem dizer palavra, e com o garfo e a faca fez o gesto de quem corta o bife.

## Um sonho...



baroneza desperta de sobresalto. Senta-se no leito perfumado, os seus olhos azues fitam, através a transparencia da gaze cõr de rosa, a pequenina luz da lampada chinesa que alumia a medo o quarto, e da sua boca fresca e grãciosa, sabe então um longo suspiro, demorado... triste... No cristal limpido da janella, encoberta com um store de seda, vibram os primeiros raios da manhã, os mandarins da lampada parecem desaparecer por entre a luz do dia que se aproxima e que avermelha com um tom quente os largos reposteiros... Bertha sem fazer o mais pequeno reparo na luta travada entre as duas luzes, scisma... inebriada em doces recordações...

Exquisito, pensa... Escutava havia tanto tempo, dia a dia, a historia dos pequeninos caprichos da condessa, e nunca — oh! nunca, jurava — lhe tinha passado pela cabeça semelhante cousa... E o seu rosto gentil emoldurado na farta cabelleira dourada parecia illuminar-se todo, n'um sorriso que tinha o quer que fosse de melancolico, e os seus dentes muito brancos, cõr de perola, rangiam de encontro uns aos outros como se tentassem despedaçar-se lhe na boca, e nos seus olhos havia como que uma tenue nuvem que a não deixava fitar claramente o retrato da sua intima, da sua querida condessinha, que ella saudava sempre todas as manhãs, ao levantar-se, com um sorriso ffavel, meigo, bom... E então recordou-se dos bilhetes perfumados que ella lhe escrevia todos os dias, contando-lhe os amões e as alegrias do seu coração, os beijos e as surpresas do conde, os largos passeios pelo campo às tardes *bras dessus, bras dessous*, com o seu adorado maridinho... E com que prazer

ella devorava esses bilhetes! Com que curiosidade ella seguia o estylo pittoresco d'aquella estouvada, que não tinha emenda e que cinco annos passados, era a mesma dos primeiros cinco dias da lua de mel! Como riam depois á noite, ambas, ao fundo do camarote de S. Carlos, umas vezes, outras, junto ao fogão da sala, sósinhas, d'esses pequeninos nadas de um lar feliz e alegre! Também para que lhe contaria a condessa essas coisas, e ella havia agora de lhe dizer que... oh! não, poderia ter ciumes, pensar... e nunca semelhante tolice — porque era uma tolice, afinal — lhe tinha passado pela cabeça, nunca, jurava o.

Onze horas da manhã. Um beijo acariciador acorda d'esta vez Bertha, que descansava ainda, envolta na sua enorme cabelleira loura.

— Tu aqui?!

— Eu sim, minha querida Bertha, que venho dizer-te adeus...

— Partes!...

— Partes esta noite. Vou passar uns mezes em Cinta. Paulo acordou hoje com esta ideia... Mas que tens... estás quente, pareces febril, tens duas pequeninas rosetas nas faces... Estiveste doente?

— Não... não tenho nada...

— Mentas, adorado anjo, tiveste alguma coisa... um pesadello... talvez algum sonho mau.

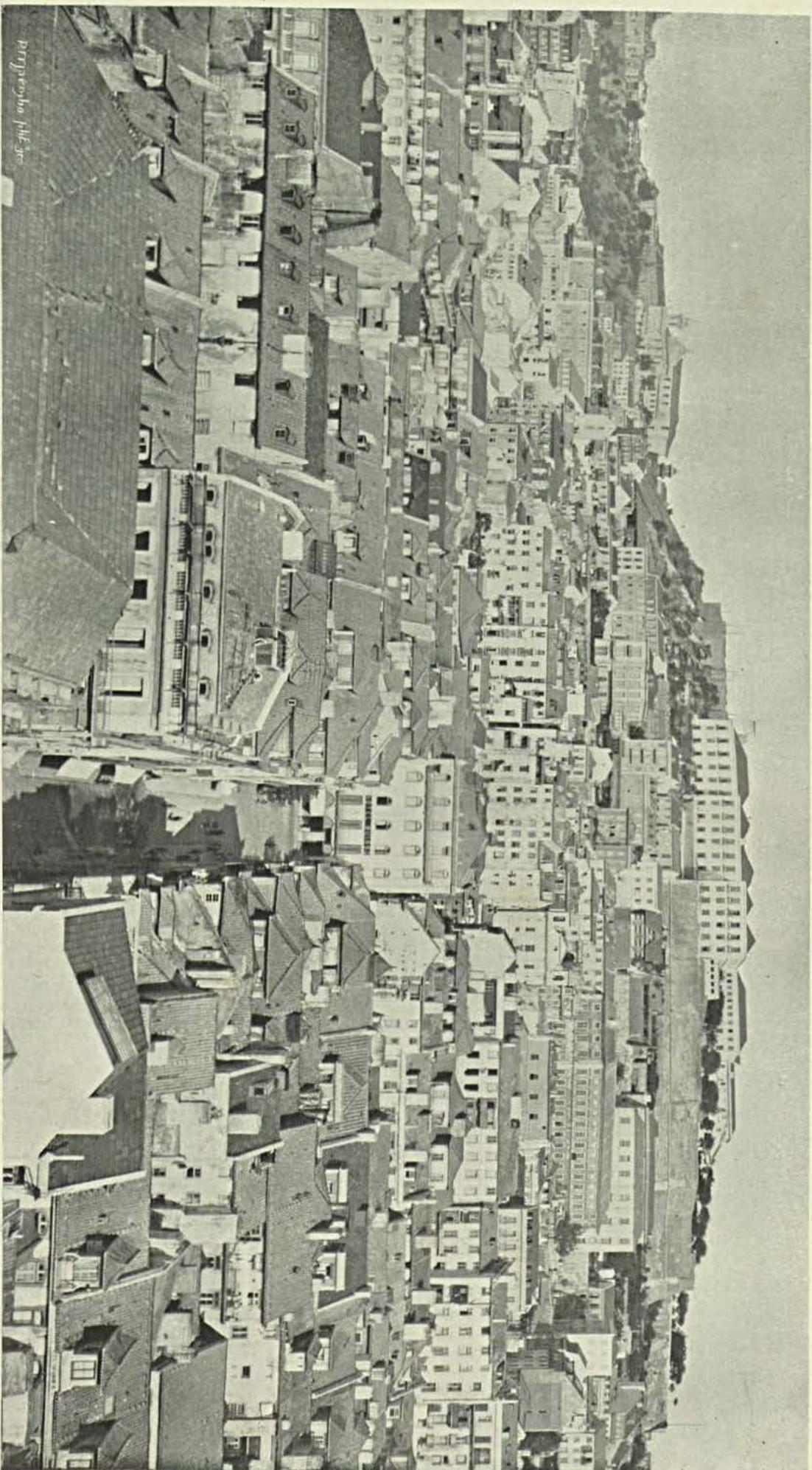


## Aspectos de Lisboa



Um trecho do jardim de S. Pedro de Alcantara

# ASPECTOS DE LISBOA



Vista panorâmica da Baixa, lado oriental. — No alto a esq. da Graça e o castello de S. Jorge

tação e cerâmica d'esses tempos, e mesmo moedas, cuja authenticidade historica tem sido verificada por competentes.

No alto d'esse outeiro pedregoso, que pertence ao sr. dr. João Antonio Franco Frazão, levantou este sympathico cavalheiro, chefe de uma numerosa e respeitavel familia, um alto cruzeiro que se avista de muitos kilometros de distancia, e d'onde se descortina todo o viridante valle do Zezere e do Meimõa, a Serra da Estrella, a Pedra Aguda e outros pontos notaveis. Ainda na encosta d'esse outeiro culminante da localidade ergue-se ha poucos annos o palacio do sr. dr. Franco Frazão, grande habitação de architectura sobria mas elegante, com todas as necessarias commodidades e com a capacidade indispensavel para hospedar durante as grandes festas de familia e da christandade uma população que se compõe já de duas duzias de pessoas, entre paes, filhos e filhas, netos, genros e nora.

Na encosta do outeiro logo por cima do palacio mandou o nobre proprietario levantar um monumento á Virgem Santissima que foi inaugurado ha um anno e sagrado pelo Reverendo Sr. Arcebispo Bispo da Guarda, o qual concede vinte dias de indulgencias a quem, ao avistar o monumento, rezar uma Ave Maria.

Foram feitos trabalhos de pesquisa de aguas e existe na encosta do Outeiro, um pouco acima da casa, um deposito d'onde ellas são canalizadas, e cujo excedente corre depois para uma magnifica e vasta horta que fica em um plano inferior á habitação e onde são cultivadas todas as hortaliças trivises e raras com os cuidados adequados a cada uma. Ali vimos tambem viveiros de oliveiras, de eucalyptus de varias especies e de outras arvores indigenas e exoticas, com que o senhor doutor está constantemente povoando a ingrata encosta, que a pouco e pouco se vae vestindo e mudando gradualmente de aspecto. Se todos os grandes e pequenos proprietarios do nosso paiz imitassem este exemplo, e se occupassem sinceramente na arborisação das regiões que para mais nada podem servir, como poderia ser diverso o aspecto de Portugal dentro de 50 ou trinta annos! Como se modificariam as condições meteorologicas, o regimen hydrologico e a productividade do nosso solo!

Em Penamacor tambem outro proprietario e lavrador intelligente, o nosso particular amigo Jacintho Candido, está trabalhando n'esse sentido com grande aficção e proficuidade, tendo já plantado muitos milhares de pinheiros, eucalyptus e outras arvores nas encostas pedregosas meridionaes da serra Malcata, que é para assim dizer a continuação para Nascente da grande serra Gardunha que fica ao sul do Fundão. E' entre estas serras e a da Estrella ao Norte que discorre o valle do Zezere, ridente, fertil incomparavel! E não tem plantado mais porque os viveiros do Estado não podem satisfazer todos os pedidos de proprietarios particulares, attendendo de preferencia a Companhia Real que absorve quantos euca-

e cuja caridade é inexcedivel, ha na Capinha algumas outras boas casas, mas não muitas: a do sr. José Pinto Castello Branco genro do doutor, a do sr. Francisco Pina, illustre fidalgo de Penamacor onde dirige os interesses do partido Regenerador, como o sr. conde de Proença dirige os do partido progressista; e poucos mais edificios notaveis existem. A igreja mesmo, da invocação de S. Sebastião, é um templo modestissimo.

As casas mais humides d'esta e d'outras aldeias tem o mesmo primitivo e desconfortavel aspecto: são formadas de rudes e mal



Egreja de S. Sebastião, na Capinha

afeiçoados blocos de granito escuro imperfeitamente ligados entre si, e cobertas de telha vã muito ordinaria por onde o fumo das cozinhas se espalha na atmospheria porque as chaminés são coisa completamente desconhecida. Algumas janellas são resguardadas com vidraças; mas outras usam ainda em vez de vidros, placas de folha de Flandres cheias de furosinhos por onde penetram tenues raios de luz. Estes furos são dispostos geralmente em linhas rectas em volta da chapa e em rosas e arabescos monotonos ao centro.

Algumas d'estas casas ordinarias, que não devem differir muito d'aquellas em que habitaram os portuguezes do tempo da fundação da monarchia, tem escadas exteriores de blocos de granito muito irregulares e que as tornam muito *mal andamosas* como por lá se diz.

A Capinha está tão isolada do resto do mundo, apesar de ser patria do actual muito sympathico e esperançoso ministro da fazenda sr. conde de Penha Garcia, que não tem iluminação publica nem estação telegraphica. Correio chega a cada dia ás nove horas da manhã e é expedido ás tres horas e trinta minutos da tarde; mas para isso vae um proprio levar e trazer o sacco da correspondencia pouco além da ponte do Meimõa, ao entroncamento com a estrada que vae de Penamacor á estação da Fatella. E' ahí que passa a diligencia diaria de Penamacor e que leva as malas.

AUGUSTO DE CASTILHO.



## A fada

Quando, alvejante, ao longe flutuava  
Niveo sendal da estrada entre os barrancos,  
Todo o povo da aldeia murmurava:  
— Olhae a fada dos vestidos brancos.

Gostavam todos d'ella e quando um dia  
Deus a chamou ao céu quantos gemidos!  
Todo o povo da aldeia a conhecia,  
Pelo alvor do sepulchral dos seus vestidos.

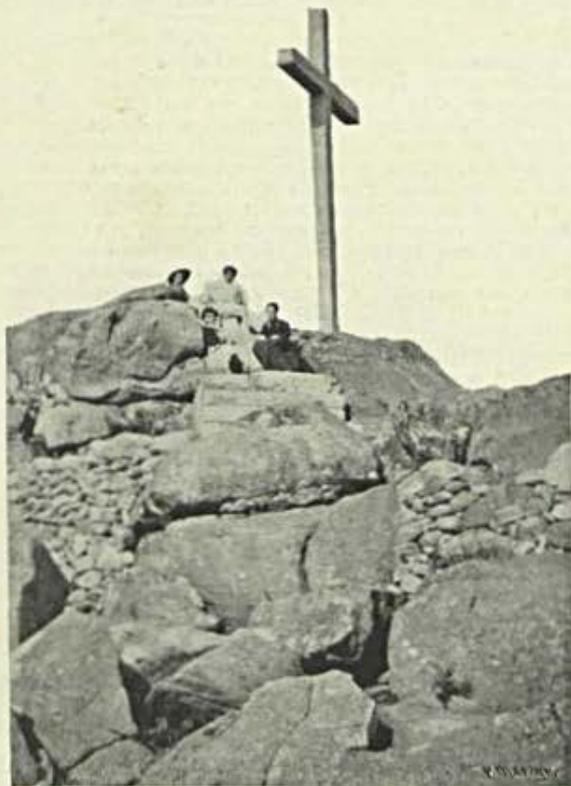
Branqueja em cova escura alvo sudario,  
Soluça um sino em funebres arrancos,  
Geme o povo da aldeia em tom nefario:  
— Morreu a fada dos vestidos brancos.

O tempo, a perpassar, lembranças findas  
Factos recentes fazem esquecidos;  
Mas o povo da aldeia a lembra ainda,  
Pelo alvor sepulchral dos seus vestidos.

E quando agora, com fulgente alvura,  
Brinea o luar do monte pelos flancos,  
Treme o povo da aldeia e a voz murmura:  
— E' ella... a fada dos vestidos brancos.

(Brasil).

AFONSO CELSO JUNIOR.



Cruzeiro no alto do outeiro da Capinha

lyptus lhe possam dar, principalmente para os aterros das novas linhas ferreas e para as cercantias das estações. Valeria bem a pena que o governo, a repartição florestal, desse a possivel attenção a este assumpto, e procurasse alargar muito a area dos seus viveiros, facilitando ao mesmo tempo a distribuição das especies mais apropriadas ás diversas regiões do paiz.

Alem do palacio Franco Frazão cuja hospitalidade é proverbial

# Na Beira Baixa

São as viagens uma das mais agradáveis e instructivas diversões que podemos ter, especialmente quando essas viagens são feitas em paizes mais adelantados do que o nosso, dotados de uma pujante e deslumbrante civilização, e quando se viaja cercado de todos os commodos que podem proporcionar os bons paquetes, os sumptuosos hotéis e todos os modernos accessorios offercidos pelo progresso.

Mesmo sem que tenhamos que subir em cultura social, e que transitemos de um grande centro de actividade para regiões menos buliçosas, ainda as viagens tem um particular interesse para o excursionista observador. E quando essas viagens se realisam no nosso proprio paiz, e que podemos assim comparar o grau de adelantamento ou atraso relativo das terras visitadas, tudo se apresenta revestido de um especial e agradável encanto que captiva.

E' hoje habito geralmente seguido viajar no Extranjeiro, sendo raro algum patricio nosso de certa ordem que não tenha ido a Madrid e a Paris pelo menos, e que não tenha percorrido as alamedas do Prado, os grandes museus onde se toparam as soberbas esculturas de Praxitelles, os Campos Eliseos e o baile Mabille. Diremos mais: esses que viajam por luxo, por elegancia ou por distracção, fazem-o de preferencia em paizes extranhos, não só porque se distrahem e gosam mais, mas tambem porque é mais elegante dizer-se que se foi a S. n Sebastian ou a Vichy ver mundo elegante do que ao sertão da Beira



Uma vista da Capinha

da de rios que agora levam bastante agua, e servida por estradas geralmente muito boas e bem conservadas. A Covilhã, Tortozendo, Teixoso e Orjaes ficam do lado direito do rio Zezere; Belmonte, Penamacor, Capinha, etc., ficam do lado esquerdo. A cidade da Covilhã com a aldeia do Carvalho, ainda a cavalleiro da sua vasta casaria brilhando ao sol, recosta-se na parte inferior da Serra da Estrella, em terreno já bastante aspero e alcantilado, e por isso commandando soberbissimos pontos de vista.

A penuria de pontos importantes ou de centros de actividade fabril, industrial ou agricola, é tão grande em certos casos que mesmo para dar designações ás estações do caminho de ferro se deve ter visto a administração em serios embarços. Por exemplo a estação denominada "Fatella-Penamacor", fica a uns dois ou tres kilometros d'aquella aldeia, e a não menos de trinta d'esta ultima villa! Mostra isto indirectamente que n'essa grande area nada ha que mereça especial menção. E assim é realmente segundo o que podemos observar; e se é verdade, como disse algures um grande escriptor, que um povo era tanto mais feliz quanto menos d'elle se falasse, esta parte da Beira Baixa deve ser a Terra da Promissão.

A Capinha é uma aldeia socegada, primitiva, humilde, desprezenciosa, situada em uma suave encosta da margem direita do rio Meimoa affluente do Zezere, como este o é do Tejo; e dista d'esse rio Meimoa uns dois kilometros, sendo o rio transposto n'esse ponto por uma ponte de pedra granitica que tem 150 annos.

Não podemos apurar ao certo a data da fundação d'esta povoação nem a etymologia verosimil do seu curioso nome. Deve porem, ser terra muito antiga porque em var as casas se encontram janellas de architectura manuelina ou arabe talvez, de lindissimo desenho. E não ousamos com precisão pronunciar nos sobre o genero exacto d'essa architectura, não só porque somos profano na materia, mas tambem, porque, segundo o nosso modo de ver, os dois typos se confundem nas suas remotas origens e apresentam traços bastante parecidos. Encontrámos tambem uma inscripção no frontispicio de uma casa aliás de muito modesto aspecto, que pelo caracter de letra muito semelhante ao da inscripção de Yelala no Zaire, parece dever remontar a quatro seculos de antiguidade talvez.

Seja como for a aldeia da Capinha é certamente muito antiga, havendo quem affirme que no alto de um outeiro que se ergue a cavalleiro d'ella, houve uma obra de fortificação ou baluarte romano, encontrando-se ainda hoje vestigios de objectos de ornamen-



Uma rua na Capinha

Baixa a alguma primitiva aldeia escondida nos reconvos das montanhas.

Pois nós, com o devido respeito por alheias opiniões, pensamos um pouco diversamente; e como temos visto já um bom bocado das grandes civilizações da França, da Inglaterra, da Italia, da Hespanha, da Belgica e da Hollanda, e apalpámos tambem um bocado das rudezas dos inhospitos sertões africanos em circumstancias difficeis, e as não menos rudes e accidentadas solidões dos Oceanos, apreciamos muito, lá de vez em quando, um passeio pacato cá em Portugal, visitando algum ou alguns pontos interessantes das nossas provincias.

Ultimamente fizemos uma bonita excursão na Beira Baixa, visitando a cidade da Covilhã, as villas de Penamacor e Belmonte, as aldeias da Capinha,

Tortozendo, Teixoso, Orjaes, e os logarejos de Pero Vizeu, Peraboa, Ferro, e outros de importancia ainda inferior.

Esta parte do paiz é bastante onduiada, não muito vestida de arvoredos, cortá-



Palacio do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. João Antonio Franco Frazão, na Capinha

# A catastrophe do "Aquidaban"

Um fremito de desolação e de magua atravessou Portugal quando o telegrapho trouxe a noticia da pavorosa desgraça occorrida na bahia de Jacuanga.

Em nome da nação, como se ella fosse ferida pelo mesmo golpe, El-rei e o governo apressaram-se a transmittir a sua dôr e a apresentar as suas condolencias ao chefe e ao governo da nação brasileira.

Estão cheios de nomes os registos da legação brasileira em Lis-



O couraçado «Aquidaban»

O navio brasileiro que, na noite de 21 de janeiro foi despedido por uma explosão, na bahia de Jacuanga, catastrophe em que perceram cerca de 300 homens da marinha brasileira.

boa e dos consulados n'esta cidade e no Porto, e a Rainha com aquella delicadeza de sentimentos affectivos que são o principal característico da sua sympathica individualidade foi das primeiras a manifestar ao representante do Brasil a sua profunda amargura perante esse acontecimento tragico que tantas e tão preciosas vidas roubou.

Nas duas primeiras cidades do reino serão dentro em pouco ce-



Vice-almirante Conselheiro Ferreira do Amaral

Novo major-general da armada

O novo major general da armada é uma das figuras mais insinuantes e respeitáveis da armada portugueza.

Official, governador, ministro, presidente da Sociedade de Geographia, nas complexas feições da sua individualidade, um cerebro de eleição e um caracter de lei revelam-se a cada passo.

Na marinha portugueza não ha carreira mais inextinguível e brilhante. Desde essa epoca, já remota, em que o 1.º tenente Ferreira do Amaral, dirigindo de Inglaterra para Moçambique a navegação dos minusculos vapores «Sena» e «Tete», pôz em relevo as suas qualidades de marinheiro, affrontando perigos e vencendo lances arriscados, até ao momento actual, em que por legitimo «droit de conquête» ascende á maior culminancia que um marinheiro pôde attingir na armada portugueza, tem elle enriquecido com exemplos de dedicação, lealdade e altruismo, a sua larga folha de serviços á patria.

lebradas exequias sollemnes para sufragar a alma das victimas da medonha catastrophe, e se alguma outra manifestação de sentimento e de participação no infortunio e na saudade é ainda possível, todas, todas serão postas em acção, como prova eloquente da confraternidade na dôr e de camaradagem na desgraça.

Não era necessaria esta provação nacional que n'um momento encheu de luto essa querida terra brasileira para chamar á superficie o coração de Portugal, para o abrir e desvendar em todos os influxos da sua ternura. Mas, por que assim o quiz o destino, que tantas lagrimas acaba de arrançar, e tanta desolação espalhou subitamente por uma nação inteira, eis-nos aqui, a todos nós, á prova d'essa amizade tradicional e sanguinea, firmada pelos seculos e authenticada pela raça e pela lingua, mais depurada no infortunio que na prosperidade, prompta a desentranhar-se em allivios e consolações, se consolações e allivios fossem compatíveis com desventura tamanha.

O Brasil-Portugal associa-se de todo o coração ao luto do Brasil. Já pisaram a abençoada e florida terra brasileira todos os seus directores; todos elles estão presos a recordações inolvidaveis e tem gravado no mais fundo do coração o reconhecimento pelas gentilezas com que lá os acolheram e a saudade pelo que lá viram e deixaram. Pois bem. Essa dôr de tantos, tambem é nossa, tambem a sentimos, como se os bravos marinheiros que as ondas sepultaram na vasta bahia fizessem parte da nossa patria, fossem nossos paes, nossos irmãos ou nossos filhos.

Acompanhamos o Brasil inteiro na sua desventura e na sua dôr pela perda de tantos filhos seus, acompanhamos a imprensa irmã nas saudades que ella desfolha e nas lagrimas que ella verte sobre a memoria de quantos a morte cruelmente arreatou, uns que já tinham glorificado a patria, outros que eram a esperanza do futuro.



Contra-almirante Conselheiro Augusto de Castilho

Novo inspector do Arsenal da Marinha

A estima affectuosa que todos ligamos n'este jornal ao contra-almirante Augusto de Castilho, que nos tem honrado sempre desde a fundação d'esta Revista com a sua camaradagem tão penhorante e tão leal, imo, ede-nos de dizer, com a franqueza que a outro não regaleariamos, tudo o que pensamos do seu valor de marinheiro, das suas qualidades de official, da feição mais epica e gloriosa da sua brilhante vida militar, inibe-nos de dizer com todas as palavras que do coração affluem á penna o que tem sido a modelar existencia d'este homem illustre e modesto, cujo appellido herdado illuminou a litteratura do seculo XIX e cujas qualidades individuais, tornando o filho digno de tão glorioso paes, o tem elevado na consideração publica cercado-o de todas as admiraciones e de todos os respeitoz.

Dos 64 annos da sua existencia pôde dizer-se que só foram desaproveitados para o serviço da patria aquelles em que ainda a consciencia não existe nem está formada a vontade.

Desde os 18 annos, em que acompanhou como aspirante de marinha a expedição naval a Angola, revelando por tal maneira o seu valor, que o governador geral conde de Torres Novas o nomeou addido á missão portugueza para a demarcação dos limites do nosso padroado do Oriente, até hoje, em que o governo o investiu no cargo de inspector do Arsenal de Marinha, tem sido brilhantissima essa carreira de marinheiro, tanta vez cortada de lances perigosos em que o arrojo, a prudencia e a illustração deram sempre a victoria ao official em cujas mãos estava bem confiada e segura a bandeira da patria.

Deputado em muitas legislaturas, governador dos que mais serviços tem feito no Ultra-mar, tendo exercido as mais altas commissões, e tendo a envolver-lhe a cabeça já branca a aureola que lhe veio d'essa epopeia da clemencia e da magnanimidade de que foi theatro a bahia do Rio de Janeiro e de que foi elle o heroe, jornalista distincto e escriptor que honra as tradições litterarias da sua familia, ahí está em curtas palavras o que constitue a individualidade sympathica e modelar de Augusto Vidal de Castilho Barreto e Noronha.

chedo maldito, logar de peregrinação para os que soffrem de amor. Denomina-o a gente d'aquellas paragens — "o salto do Amante."

feliz mortal merecedor dos vossos carinhos e digno do vosso amor. E deixae, querida, que eu colha n'essa bocca cubiçada o fructo de oiro d'esse amor tão grande...

LÉON LEGRAY.



Algéciras. — Um ajuntamento na rua Sagasta

E eu penso, ó minha adoravel amiga, a mais linda e a mais amada entre as mulheres, eu penso que se vos achasse nos braços de um estrangeiro, eu, que vos amo tanto, eu vos mataria!



Algéciras. — Fachada do Ayuntamiento

Mas, dizei-me baixinho, baixinho, n'um ciciar de prece, que eu sou amado, que disfructo esta fortuna immensa de ser o unico e



Algéciras. — Futeo do hotel Maria Christina, onde estão hospedados os delegados á conferencia

## Setembro

Os versos que abaixo inserimos são de Accacio de Paiva e colhidos ao anno de um calendario-brinde muito original publicado ha dias pela casa Baeta Dias, calendario precioso em que cada um dos meses vem acompanhado de malletozas e delicias endeixas do distincto poeta.

*Depois do banho, a minha namorada,  
Collado ao corpo o fato de flanela,  
Passou pelos banhistas, apressada,  
E seguimos então, falando n'ella.*

*A roupa que trazia era indiscreta,  
Um previu-lhe a medida da cintura,  
Outro, que tinha a fama de poeta,  
Teceu-lhe um madrigal á curvatura.*

*Terceiro, professor d'anatomia,  
Elogiou-lhe o côlo modelar:  
Outro scismava e nada nos dizia  
Senão que tinha muita inveja ao mar.*

*Vendo que eu me calava, no caminho  
Perguntaram a minha opinião:  
Eu alludi áquelle signalinho  
Que ella possui no pé do coração.*

*Riram todos; fiquei envergonhado  
E tive de explicar-lhes, por cautella,  
Que dispunha de olhar tão apurado  
Que atravessava os fatos de flanela.*

## UM CONTO

Relendo os deliciosos versos que sob este titulo publicámos no nosso numero de 1 de janeiro ultimo depararam-se-nos dois erros que a muita consideração pelo illustre poeta que os firma nos obriga a rectificar.

Um logo na primeira quadra e no segundo verso, que saiu assim:

*Estavam ambos n'essa cidade bella.*

Quando devia ser:

*Estavam ambos n'essa idade bella.*

Outro na 9.ª quadra: *assiso* por *aviso*. Quem fór dado ás musas facilmente corrige, mas tão firmados estão os credits litterarios do sr. conselheiro Antonio d'Azevedo Castello Branco que não queremos sobre elles lançar a sombra de uma suspeita.

E vem ainda a pello a declaração de que esse delicioso conto poetico é de velha data, e que fomos arrancal-o ao seculo XIX para offerecel-o como um acepipe aos leitores do *Brasil-Portugal*.



Algeciras. — Duque de Almodovar del Rio, chefe da missão hespanhola

E como a primavera polvilhava de oiro vivo as cintas das montanhas; como, por toda a parte, na relva e nos bosques, a alma errante das pequenissas flores embalsamava os ares; e porque eram creaturas jovens e bellas, castas e puras, e porque, emfim, se amavam — Ned, filho de Wickloun, e Ellen, a pastora, a donzella mais formosa e mais casta d'aquella terra, contemplaram-se infinitamente, até o fundo do céu que os olhos escondem, e de seus labios jorraram as perolas divinas do divino cantico dos canticos, que sonorizam os labios dos amantes.

E Ned suspirava:

— Como és formosa, querida minha?

E Ellen arrulhava:

— Meu querido, quanto és bello!

E Ned volvia:

— Oh minha bem amada! como eu te amo!

E Ellen, como uma harpa celeste:

— Oh! meu bem amado! como eu te quero! como eu te amo!

E vibrou, sob a cupula azul d'aquelles céus profundos, uma loucura de beijos apaixonados.

Lembrae-vos, querida amiga, quanto hesitei em vos dizer: "Eu te amo", tão sagrada é esta palavra; e como hesitei em vos dar o meu primeiro beijo, que ha tanto tempo desejavaeis — tão solemne é o primeiro beijo de duas almas que se estremecem.

Desde então, lá na verde terra de Irlanda, pois é ali que existiu um elfo tão máu — todos os dias foram dias de uma immensa felicidade para Ned, filho de Wickloun, o bello e rude mancebo, e Ellen, a pastora de ovelhas — a amante mais querida e mais formosa de todas aquellas paragens, e de tal modo amada e linda, que todas as outras donzellas confessavam que era ella a mais linda e a mais amada . . .

Ides agora comprehender, minha adoravel amiga, porque vos disse eu que o elfo máu d'aquelle paiz era tão máu. Não ha estranheza, é claro, em que uma linda rapariga, sendo a mais amada, seja tambem a mais formosa e casta.

Um dia, o dia exactamente em que Ellen celebrava os seus dezoito annos, Ned se affastou para muito longe, para uma remota cidade só d'elle conhecida. Ah, homens de nariz adunco e de longas barbas negras vendiam enfeites, e todos esses mil pequeninos nadas, que tanto agradam ás mulheres. E Ned pensou logo em

Oh minha adorada amiga, as mulheres que amam, como Ellen e como vós, é possível que sejam tão perfidas e inconstantes? Ou dar se-ha que seja tão grande o poder maligno dos elfos máus? Compreendeis o meu embarço para dizer-vos tudo. Mas, aconteceu que, ao voltar, Ned, o bello e rude mancebo, encontra Ellen, a pastora de ovelhas, a mais linda e a mais amada d'aquellas paragens, nos braços de um estrangeiro. E ella tinha o pescoço circun-

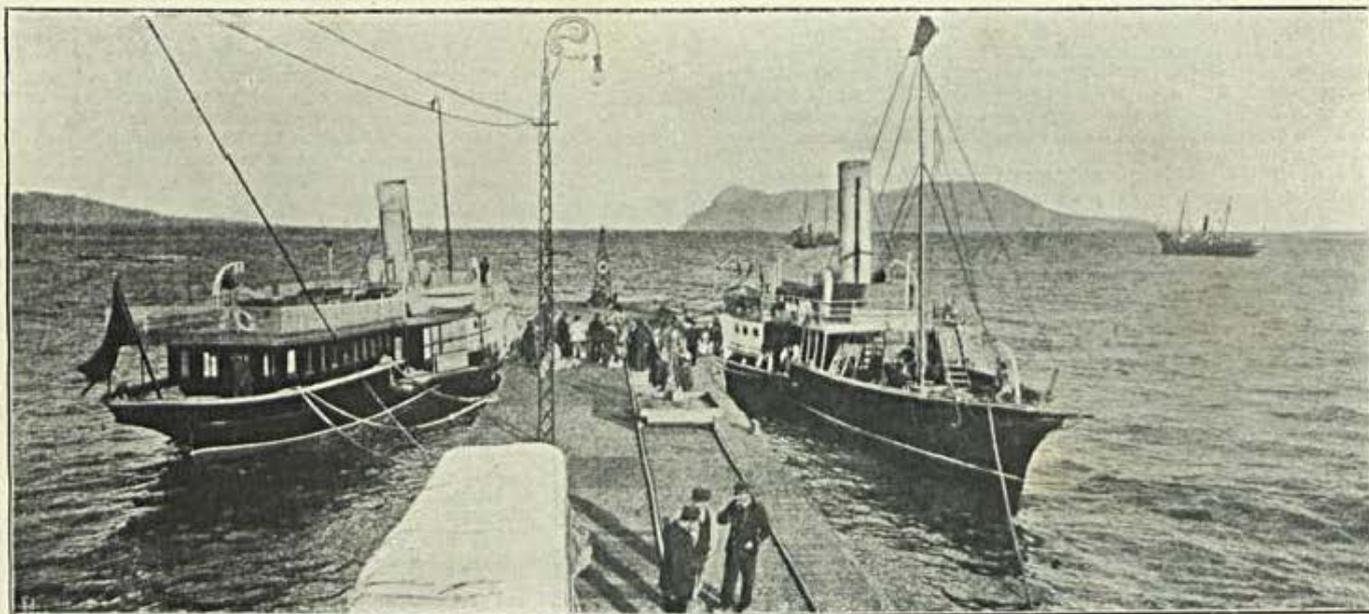


Algeciras. — Embaixada da America e seus secretarios

Clichés Benoitel

lado de um collar, em tudo semelhante ao que trazia Ned, um collar feito de pequenos cylindros cor de rosa, d'esses que só se encontram no fundo dos mares longinuos.

E, acrescenta a triste e merencoria lenda, era extraordinaria a parencça do estrangeiro com o filho de Wickloun, esse adoravel Ned.



Algeciras. — A ponte de desembarque — Ao fundo Gibraltar

comprar para a formosa e casta Ellen um collar d'esses pequenos cylindros cor de rosa, que habitam as profundezas mysteriosas dos mares longinuos.

E, então, repassava Ned palpitante de ventura, sonhando com a felicidade de Ellen, quando ostentasse no esculptural pescoço a magnifica joia feita dos pequenos cylindros róseos, que só no seio dos mares longinuos são encontrados.

Então, Ned, o bello e rude Ned, que amava perdidamente a Ellen, a pastora, a mais linda rapariga de toda a redondeza, e que fôra a mais amada, Ned in-continente se precipita do alto de um rochedo á torrente, que em baixo rugue e ferve, turbilhona e rola.

Assim, desesperado de amor, morreu Ned, filho de Wickloun, o amante de Ellen, a pastora de ovelhas.

Quem atravessa o mar de Irlanda, contempla ainda hoje o ro-

rém, não está por ora completamente harmonizada prova-o o facto de ainda não haver sido trazida á discussão, apesar de ser não só a mais importante mas aquella de que depende o exito final da conferencia. Até agora discutiu-se a questão da repressão do contrabando, sobretudo de armas, e a questão do melhoramento dos impostos, principalmente dos que teem de ser pagos pelos europeus residentes no territorio do Imperio. A primeira ficou, pôde dizer-se, decidida com o accordo de todas as potencias. A segunda já foi apresentada e discutida, mas não se conseguiu ainda chegar a uma fórmula que obtivesse o geral assentimento. Só depois d'estas duas questões liquidadas é que apparecerá a da criação do corpo de policia. Veremos se se confirmam os boatos optimistas a que nos referimos.

E' este o momento de a Allemanha desmascarar as suas baterias, ou de mostrar que é sincero o seu desejo de chegar a um accordo.

O ministerio do sr. Moret, apenas constituido ha semanas, já está sendo trabalhado por diversas crises internas que o enfraquecem e lhe ameaçam a existencia. E' a sorte de todos os governos em Hespanha, desde que desapareceram da scena politica os grandes vultos de Canovas e Sagasta, chefes consagrados dos dois partidos da rotação constitucional. Os que lhes succederam n'um e n'outro partido não teem força nem prestigio para constituirem situações estaveis e duradouras. O resultado é o que se está vendo.

Agora chegou a vez ao sr. Moret. O motivo mais importante da crise, que já se annuncia, é o projecto do codigo das penalidades a aplicar aos crimes contra a patria e contra o exercito. Querem uns ministros que seja o fóro militar a que tenham de ser submettidos os delinquentes, querem outros que seja o fóro civil. D'ahi o desaccordo. Quem vencerá?

CONSIGLIERI PEDROSO.

## Conto á minha alma

(Lenda irlandeza)

**E**is aqui um conto, minha querida amiga. E' um conto de amor, e, como quasi todos os contos de amor, um conto simples e triste.

Houve um tempo — e tão longe vae esse tempo que eu não vol o poderia determinar por seculos! — em que os homens não eram tão máus, e em que as fadas, os gnomos e os elfos por elles velavam, e muitas vezes desciam a protegel os na vida. E vós sabeis que é preciso crer nas fadas, nos gnomos e nos elfos, não é verdade, minha amiga? E' certo que havia n'aquelles tempos fadas malignas, pois havia velhas fadas; havia máus gnomos, pois que havia gnomos feios; havia elfos máus porque . . . eram máus elfos. Mas, quasi sempre as boas fadas, os bons gnomos e os elfos bons vinham, sollicitos, chamar á razão as fadas máus, os máus gnomos e os elfos máus.

Entretanto, n'aquelle paiz de que vos falo, havia um máu elfo, e tão máu, tão máu, que tinha conseguido expulsar d'ali todos os



Algeciras. — Chegada dos embaixadores — O duque de Almodovar del Rio apresentando Radwitz e Visconti Venosta ao governador

bons elfos, todos os bons gnomos, e todas as fadas boas. Era tão ruim, tão ruim, que mesmo as fadas máus, os máus gnomos e os máus elfos tiveram de fugir d'aquella terra. Não havia designio, por mais detestavel, de que elle não teceesse a urdidura.

Ora, eu já vos disse, minha cara amiga, que os homens n'aquelle tempo não estavam ainda muito corrompidos.

E por isso o máu elfo tinha de lidar muito para alcançar pouco. Ia ás montanhas sugar as uberes das cabras, e, quando chegavam os pastores, nada mais encontravam d'aquelle cremoso leite de que fabricavam seus queijos nutrientes. Nos estabulos, fazia com que os touros se matassem como bestas ferozes, e com que as novilhas morressem sem que se soubesse de que, e ainda fazia com que os porcos, por maiores precauções que se tomasse, não engordassem nunca. Transtornara de tal modo a intelligencia dos cães incumbidos de guardar os rebanhos, que os pobres animais uivavam como lobos, espantando para o fundo das florestas os carneiros clamantes. E os passaros, as gallinhas, os patos, os gansos, os perús quebravam os os ovos com os pés ou a bicadas.

A' tarde, quando o céu era rubro — o que é signal de desgraça — no mesmo logar onde, sob montões de pedras, estavam sepultados os avós, viam-se os abutres, negros, de olhos faiscantes, roer ossos, e entregues a monstruosos amores. Dir-se-ia que os machos se agarravam uns aos outros, e as fêmeas rolavam em desespero com as fêmeas. Um, que devia ser o mais velho, pousava solitario, ás vezes, no alto de uma grande pedra, e ali, horas e horas quedava immoto, o olhar em fogo sobre o horizonte infinito. E consta que chegava a rir sinistramente para o largo espaço vasio. . .

Mas, por aquelles tempos, ninguem tinha medo: os homens, porque eram homens; as mulheres, porque traziam na brancura immaculada do seio as imagens que preservam dos agouros, imagens sagradas, reliquias mysteriosas de avós, instruidas ou sabedoras em coisas que se não devem saber; e as creancitas, porque, á noite, já mais transpunham os humbraes das portas, para fóra, para a escuridão silenciosa e fria.

Ora, um claro e formoso dia, dourado de um delicioso sol primaveral, achava-se o elfo máu occulto no tronco de um salgueiro. Ali se occultára, porque é isso do fado das creaturas máus.

E eis que um bello e rude mancebo de nome Ned, filho de Wickloun, apparece por ali, de profundos olhos scismadores, perfumada a bocca de uma flor que rescende. E, descuidado e absorto, se assenta Ned sob o tronco do salgueiro, esconderijo agora do genio do mal. E este, do fundo da arvore, escuta, attento, o debulhar dos suspiros da alma enamorada de Ned: "Ellen. . . Ellen. . ." E o elfo não conteve o seu escarninho riso de elfo máu. Levanta-se Ned. Mas, como era um bello e rude mancebo, continuou o seu caminho, os olhos mysticamente sonhadores, a bocca a rescender de uma olorosa flor exquissita.

Mas sem razão não rira o máu elfo, de seu escarninho riso de elfo máu. E' que Ellen, a pastora de ovelhas, por quem Ned suspirava assim apaixonadamente, era a mais linda e a mais casta d'aquellas paragens, tão casta e tão linda que as demais raparigas das redondezas proclamavam a graciosa Ellen de todas a mais linda e a mais casta.

Certo, estaes percebendo já, minha doce amiga: aconteceu que uma das ovelhas de Ellen se desgarrou, e foi Ned o bello e rude mancebo, que a buscou e a trouxe do fundo complicado da floresta. E, querida amiga, já imaginastes — pois não? — que ao desgarrar da ovelha, estranho não foi o elfo máu.



Algeciras. — A' saída do Ayuntamiento, no 1.º dia da conferencia (16-1-906): Mohamed Torres e a embaixada marroquina

Ulrichs Bonellie

esta arma. D'ahi o actual descalabro dos conservadores, cuja extensão no entanto só depois de terminadas as eleições poderá devidamente apreciar-se.

Abriu-se finalmente a conferencia de Algeciras e o modo como até agora as suas sessões tem corrido não confirma de modo algum os prognosticos pessimistas que se tinham feito. Não sómente os trabalhos preparatorios denunciaram por parte dos delegados das diversas potencias um grande espirito de conciliação, se não também que as questões até agora tratadas o tem sido com grande cordealidade, mostrando pelo menos aparentemente o sincero desejo de se chegar a um accordo, que ponha termo a esta malfadada questão de Marrocos.

Verdade seja que a grande questão, a *question batallona*, como lhe chamam os hespanhoes, ainda se não apresentou á discussão. E' quando se chegar ao problema do estabelecimento de um corpo de policia, para em nome da Europa proteger no Imperio do sultão, a vida e a propriedade dos estrangeiros, que a divergencia é de

recrear. Conforme se sabe os primitivos pontos de vista da Alemanha e da França são a este respeito absolutamente irreductiveis. A Alemanha queria ser a encarregada d'essa policia, ou na impossibilidade de obter da conferencia tal commissão, que seja d'ella encarregado um corpo internacional. A França, pelo seu lado, fundando se na existencia de especiaes interesses com relação á sua extensa fronteira argelino-marroquina e ás disposições do tratado

anglo-francez pretendia ser ella a incumbida de fazer a policia em todo o Imperio. Como se vê, mantendo-se intransigentes estas pretensões, não será possível qualquer conciliação, o que equivale a dizer que a conferencia não só não dará resultado algum pratico, mas contribuirá n'este caso para aggravar as divergencias existentes.

Diz se, porém, não sabemos com que fundamento, que o marquez de Visconti-Venosta, delegado da Italia e diplomata de grande habilidade e prestigio, tem para resolver esta intrincada questão um projecto conciliador, que já submetteu á França e á Alemanha, obtendo de ambas a adhesão em principio. Se assim é, está a conferencia salva e torna-se possível a *entente* entre as potencias, porque n'aquillo em que a este respeito concordarem as duas nações recairá sem duvida a approvação das demais, incluindo a da propria Hespanha, que em toda a questão marroquina tem uma posição muito especial.

Que a questão, po-



Algeciras. — Missão allemã

Da esquerda para a direita: — Condessa de Tatenback, Radwitz, conde de Tatenback  
Em pé: — Um secretario e Radwitz filho, secretario



Clichés Benoit

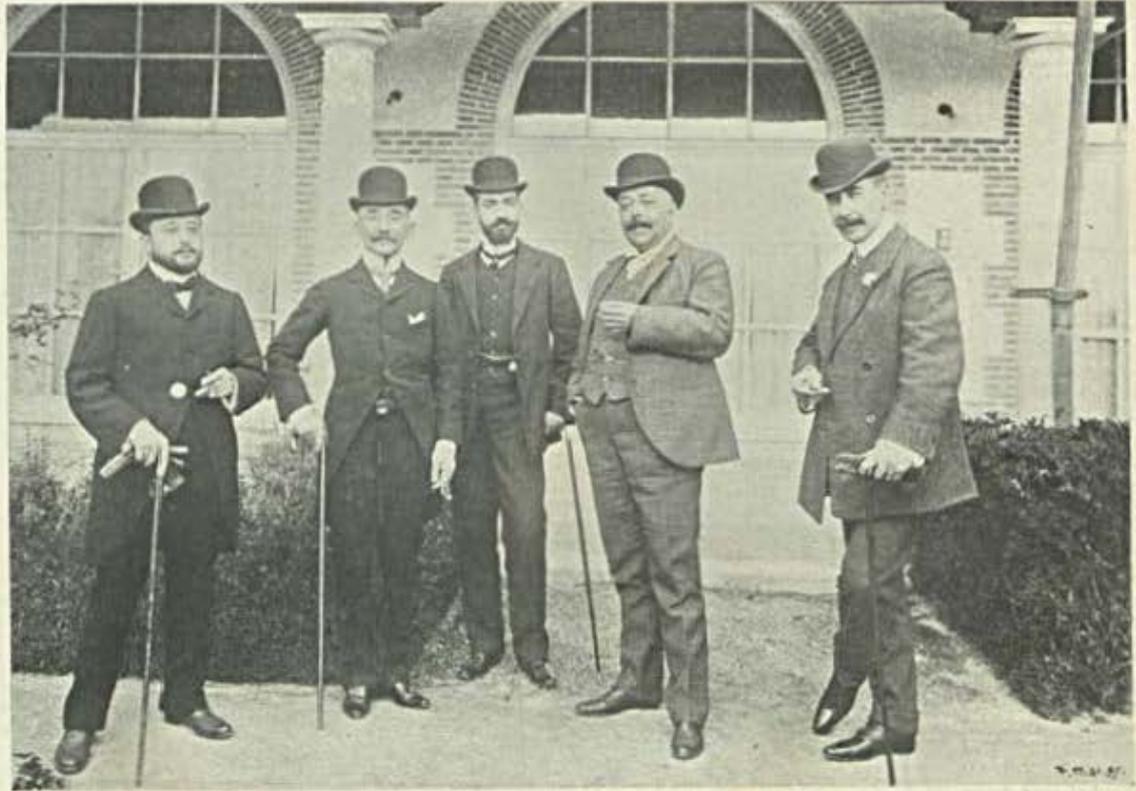
Unicas senhoras que acompanharam os diplomatas a Algeciras

Da esquerda para a direita: — Condessa de Tatenback (Alemanha), condessa Weisersheim (Austria), madame Sazer (Suecia)  
Em pé: — Madame Cherisey (França)

reitas — incluindo n'ellas, como é justo, os varios matizes do nacionalismo — o sr. Doumer, antigo ministro, antigo governador da Indo-China e actual presidente da camara dos deputados. Foi mesmo o facto da dupla eleição para este alto cargo, que o recomendou ao suffragio do *bloc* dos inimigos da Republica. As esquerdas sobressaltaram-se, como era natural, com a possibilidade de um golpe de mão. Tanto mais que a votação republicana parecia dever dividir-se entre o sr. Fallières e o sr. Bourgeois, duas personalidades igualmente sympathicas e que em qualquer outra occasião menos critica teriam ambas egues probabilidades n'ella.

A imminencia do perigo, porém, e o patriotismo do sr. Bourgeois, assim como o senso pratico de que deram prova todas as esquerdas, souberam evitar o risco e logo no primeiro escrutinio o sr. Fallières foi oileto.

A significação d'esta eleição a ninguém pôde passar despercebida, sobretudo no momento actual. O sr. Fallières na presidencia da Republica é a continuação da politica pacifica, patriotica e sensata do sr. Loubet. É a continuação de todas as aventuras e de todas as velleidades de golpes de estado no interior e de complicações no exterior. É emfim a tranquillidade com honra e o progredir incessante da França no caminho das reformas democraticas. Tudo isto viu a Europa na eleição do sr. Fallières e por isso a sau-



Algeciras. — Portuguezes na conferencia

Da esquerda para a direita: — Dr. Armando Navaro, Conde Toar de Lemos, Casanova, conde Martens Ferrão, Martinho Broderode

Um pesadelo para a França e para a Europa ficou assim desfeito.

O segundo acontecimento da quinzena foi a dissolução do parlamento inglez e as eleições que se lhe seguiram. Embora n'esta data o acto eleitoral não esteja ainda concluido (é sabido que em Inglaterra, ao contrario do que se passa no continente, as eleições se prolongam por muitos dias). Já d'elle se sabe o bastante para lhe fixar a importancia excepcional, que está destinado a ter na vida politica do Reino Unido.

De ha muito que as successivas eleições parciais, sempre por via de regra desfavoraveis ao governo conservador, prognosticavam a victoria para os liberaes nas primeiras eleições geraes que tivessem lugar. Não se suspeitava, porém, que o desbarato dos conservadores pudesse ser tão grande. Mesmo os mais optimistas de entre os liberaes estão espantados com o que está succedendo. Ainda falta perto de um terço de eleições a realisar e já os liberaes ganham 150 logares, permitindo lhes este numero constituir uma maioria sua, inteiramente independente dos votos do "partido nacionalista", e do "partido do trabalho." É um resultado que a todos surpreendeu.

A feição geral das actuaes eleições inglezas é caracterizada pela derrota esmagadora do partido unionista, que vê fóra da camara alguns dos seus chefes mais prestigiosos, a começar pelo proprio ex-primeiro ministro, o sr. Balfour, e pelo sr Broderick, ministro da guerra do anterior gabinete, e pela inesperada victoria do *Labor party* que a esta data já triplica a sua representação parlamentar. A que é devido este resultado tão pouco previsto? Evidentemente a diversas e complexas causas, entre as quaes avulta por um lado o cansaço do paiz diante de uma administração, que em dez annos naturalmente devia ter commettido bastantes erros e creado immensos attritos, e por outro lado a habilidade com que o novo ministerio se appropriou da politica estrangeira de lord Lansdowne, que é sem duvida alguma a melhor herança que o governo unionista legou aos seus successores. A opposição preparava-se para dar batalha aos liberaes perante as urnas com a

plataforma da aliança anglo japonesa e da *entente cordiale* com a França, que tão alta collocaram a Inglaterra na politica internacional, transformando-a, pôde dizer-se, no arbitro supremo da paz ou da guerra no actual momento.

As declarações, porém, tão terminantes e tão precisas de sir Edward Grey e de sir Henry Campbell-Banermann, inutilisaram-lhe



Clichés Bonafiel

Algeciras. — Mohamed Torres

e a embaixada marroquina, saindo do Aguntamento depois da 1.ª sessão em 16 de janeiro

dou n'um côro unanime com o mais um penhor d'essa paz por que todos anseiam, mesmo, o que parecerá paradoxo, aquelles que mais trabalham para a perturbar.

A eleição do sr. Doumer significaria exactamente o contrario e por isso a noticia da derrota do presidente da camara dos deputados foi recebida com um sentimento de manifesto allivio.

1906, acudirão, com as auctorisações necessarias ou mediante apellação aos Bancos associados respectivos, a constituir o capital do Banco do Estado, em cujo conselho de administração figurarão commissários d'essas tres nações e um commissario do Sultão. Aos Bancos francezes que — segundo o artigo 33 do contracto de emprestimo firmado por Abd-el-Kenne, ministro dos nego-

Entre os varios interesses financeiros e politicos que se debatem em torno da conferencia, quer-nos parecer que a haver siguma nação lesada, será apenas — Marrocos!



Algeciras. — Chegada dos delegados moiros — Mohamed Torres

cios estrangeiros do sultão e pelo ministro da fazenda, Mohamed Ettazi — tinham direito de preferencia em qualquer outro emprestimo ou venda de titulos marroquinos, conservar-se-ha essa mesma preferencia em egualdade de preços e condições, para o cunhar da moeda, quando o Maghzen quizer fazer compras ou vendas de ouro ou prata.

Contra esta faculdade parece que os delegados allemães se levantarão, oppondo-lhe o artigo 13 do convenio de Madrid com o qual, no seu entender, julgam incompativel o privilegio concedido aos Bancos francezes. Mas á hora em que escrevemos ainda não se tratou d'este assumpto, se bem que a criação do Banco tenha todas as probabilidades de execução.

## Politica internacional

Os tres grandes acontecimentos da quinzena politica internacional foram: a eleição do novo presidente da republica em França, as eleições geraes em Inglaterra e a abertura da conferencia em Algeciras, para regular a situação de Marrocos. D'estes tres acontecimentos de transcendente significação não só para os estados onde se realisaram, mas para a Europa inteira,

apenas um se ultimou — a eleição presidencial. Os outros dois continuam a prender a attenção geral, anciosa por saber como definitivamente terminam. No entretanto, realisados ou não completamente, pôde desde já dizer-se que um laço commum os prende e os hermana — a importancia de cada um d'elles e de todos em conjuncto para a manutenção da paz. São symptomas da mesma corrente de opinião, que ao presente com tanta força se está afirmando na Europa. Promettem consolidar as esperanças do futuro, porque dissipam as nuvens pesadas e sombrias que durante o anno passado se tinham accumulado nos horisontes da politica internacional.

Comecemos pela França esta breve resenha.

A attitude de Loubet, recusando obstinadamente apresentar-se de novo como candidato á presidencia da Republica, tinha feito surgir nos adversarios do actual estado de coisas em França a esperanza de fazerem triumphar um candidato seu. Escolheram por consequencia como representante de todas as di-



Clelio Benelli Algeciras. — Sala do Ayuntamiento, em que se realisam as sessões da conferencia

# A conferencia de Algeciras

**O** Brasil-Portugal acompanha hoje a atenção do mundo, voltada para a conferencia internacional sobre Marrocos, reunida em Algeciras, inserindo varias gravuras, reprodução de photographias enviadas pelo seu collaborador o sr. J. Benoliel.

Algeciras é uma cidade de Hespanha, que deita sobre o estreito de Gibraltar, na mesma bahia e em frente da celebre cidade que deu o seu nome á passagem marítima. É a antiga *Julia transducta*, tomada aos moiros por Alfonso XI de Castella, depois de um cerco de 19 mezes, um dos primeiros em que figuraram canhões com que os musulmanos tinham armado os muros da cidade. Admiram-se ali ainda muitas ruínas de fortificações romanas e arabes. Hoje é um bom porto de mar, como se vê de uma das nossas gravuras, mas com pouco movimento, derivado todo para Gibraltar. Tem longas tradições historicas a cidade que é a residencia do general commandante do campo de Gibraltar: bonitos passeios, jardins, fontes, tres praças, ruas regulares e bons edificios. Agricola e industrialmente, Algeciras tem tambem uma certa importancia. Dá cereaes, fructas, hortaliças, tem fabricas de curtidos, tecidos e outras. No numero passado deu já o *Brasil Portugal* em gravura, o hotel onde está hospedada a maioria dos delegados á conferencia, cujos trabalhos continuam sem que felizmente até agora tenha occorrido nada de anormal. Um dos pontos mais graves que a principio, dizia-se, seria levantado pela Allemanha, o que se refere á policia internacional das fronteiras — foi logo de principio resolvido, reconhecendo-se á França o direito que lhe assistia de ter na sua fronteira apenas policia franceza. A conferencia entendeu logo necessaria a repressão do contrabando de armas, e um dos primeiros trabalhos da commissão de redacção foi a elaboração de um projecto com esse fim. Reconheceu-se tambem o principio da porta aberta em materia commercial e economica, e esse reconhecimento enfraqueceu os receios de uma conflagração. Isto

não quer dizer, no entanto, que todas as difficuldades estejam renovadas. A conferencia, na propria opinião de um dos seus delegados mais notaveis, representante de uma grande nação, deve ir até ao fim, porque precisa assegurar não só a paz no presente mas estabelecê-la ainda em bases duradouras para o futuro.

O projecto de regulamento sobre a repressão do contrabando de armas em Marrocos contem 15 artigos. Deixa á Hespanha, sob proposta dos delegados hespanhoes, a vigilancia do contrabando



Algeciras. — A embaixada moira esperando o comboio especial

nas fronteiras dos Presidios e do Sahara hespanhol. A unica sancção penal que figura no regulamento é baseada principalmente na legislação ingleza.

Calcula-se que a conferencia dure ainda por todo o mez de fevereiro.



Clichs Benoliel

Estação de Algeciras. — Duque de Almodovar del Rio, ministro dos Extranjeros, presidente da conferencia, visconde Venasta, delegado da Italia, e outros delegados estrangeiros

Occuparam-se os conferentes tambem da criação de um Banco do Estado, em Marrocos, que se dedicará a negocios agricolas, industriaes, commerciaes e financeiros, auxiliando a administração da fazenda marroquina e encarregando-se, como Banco privilegiado de emitir valores, regularisar os cambios dos hassams ou moeda indigena. Esse Banco terá succursaes e agencias nas cidades de maior trafico do Imperio. Abrirá a Maghzen uma conta corrente, e fará pagamentos, cobrando por ella uma commissão, entre 1 e 2 por cento. Terá de conhecer as necessidades da circulação monetaria, segundo as transacções mercantias, porque uma das suas funcções principaes será a de melhorar o valor da moeda, hoje depreciado. Para isso, as emissões de moeda não serão feitas pelo arbitrio incondicional do Maghzen, mas mediante informações technicas sobre a sua necessidade. O Banco abrirá ao governo um credito de 12 a 20 milhões, garantidos pelos direitos das alfandegas de Tanger, Casablanca, Mazagão, Mogadouro, Saffi, Larache, Rabal e Tetuan.

Os governos das tres nações, a Hespanha, a França e a Allemanha, que fizeram a Marrocos os tres ultimos empréstimos de 1903, 1904 e



**D. Maria, Maxima. — Trindade, Bohemia. — Gymnasio, A gaiola do papagaio.**  
**Rua dos Condes, O homem das decimas. — Rato, De risca ao lado — Colyseu dos Recreios, A familia Kreino.**



Depois de varios episodios mais comicos que dramaticos representou-se emfim em **D. Maria** a comedia em 4 actos, original do sr. Affonso Gayo, *Maxima*.

Os dois actos primeiros ouviu-os o publico da primeira noite com attenção quasi religiosa, e no fim de cada um sagrou o auctor com os applausos mais calorosos, e podemos acrescentar, justissimos, porque n'elles a acção apresenta-se franca e nitida, o fio de intriga que a atravessa é theatral e subtil, o elemento comico representado no commendador, intensivo e bem proporcionado, as figuras delineadas com cuidado e observação, a these lançada com pericia n'um crescendo de arte bem graduada, a dialogação corrente e curta, como um brado de guerra ás longas e fastidiosas tirades.

Estes elementos conjugados pareciam garantir n'esta altura o exito da comedia, mas como no theatro todas as surpresas são possiveis, o mesmo publico que minutos antes aclamára o auctor, principiou, mal começou o 3.º acto, a manifestar-se por fórma absolutamente opposta, intercallando o riso com a pateada, completamente esquecido da attitude que até ahí tomára, e exagerando por uma fórma incivil, incoherente e brutal, o desagrado que d'ahi em diante lhe produziam as scenas da peça.

Por tal fórma se ia encaminhando a manifestação que a actriz Angela Pinto, tomada de um accesso nervoso, cahiu desamparadamente no chão, debatendo-se em gritos hystericos. Um quarto de hora depois subiu o panno, de novo, uma salva de palmas acolheu então a actriz ainda vibrante do abalo soffrido, e a peça chegou ao fim sem as manifestações ruidosas, que aquelle acontecimento inesperado matou á nascença.

Ora manda o bom criterio confessar que na technica e no desenvolvimento da these enunciativa, são de factura inferior á dos primeiros os dois ultimos actos da *Maxima*. Não dá para quatro actos a acção, que no 3.º se arrasta, sem lances novos, sem successão de interesse, e que no ultimo não confirma a pericia revelada nos primeiros, sobretudo na errada orientação das scenas em que o auctor mette uma personagem nova: o pae de Maxima, absolutamente desnecessario á vida theatral da peça e ao desenvolvimento da these.

D'ahi, porém, a considerar-se o publico no direito de agravar por uma fórma quasi insolente quem applaudira antes com chamadas e palmas, d'ahi a confundir a impericia n'uma ou n'outra passagem da obra de theatro, com imbecillidade, tratando um homem de valor manifesto com a mesma semcerimonia com que trataria um idiota, a distancia é grande e prova que o publico portuguez faz mal em entrar nos theatros sem ler primeiro o compendio de civilidade do bom João Felix Pereira.

Os artistas que desempenharam a *Maxima*: Angela Pinto, Carolina Falco, Luz Velloso, Amelia Vianna, Ignacio, Fernando Maia, Joaquim Costa, Luiz Pinto, Augusto de Mello, Pinto Costa, tiveram nos applausos da sala a approvação do seu trabalho.

Acertadamente andou a **Trindade** em confiar ao sr. Eduardo Garrido a missão difficil de transformar a *Bohemia* em opera comica

e adoptal-a á scena portugueza. A dialogação da peça tão felizmente arreglada tem a graça especial e o cunho inconfundivel d'esse escriptor, um dos raros que conhecem bem o theatro e tem por isso todos os segredos da linguagem theatral.

Foi uma tentativa coroada dos melhores resultados e que por completo abona as altas qualidades de empresario que distinguem o sr. Taveira.

Para quantos tem ouvido a *Bohemia* com agrado e applauso fez-se a prova de que a lingua portugueza não é avessa á musica, e que um escriptor de merito pode transformar com exito uma opera n'uma opera comica.

Na execução salientaram-se: Rentini no papel de *Mimi* e Delphina Victor no de *Musette*. Cantaram ambas com correção e sentimento e deram relevo ás suas delicadas figuras; Almeida Cruz (Rodolpho) Salvaterra (Marcello) Queiroz (Benoit) Conde (Collini) e Armando Vasconcellos (Shouard) interpretaram com felicidade os outros papeis importantes da opera comica.

O maestro Filgueiras contribuiu em larga escala para o successo alcançado, e tanto elle como o empresario e os artistas recebem todas as noites que vae a *Bohemia* calorosos applausos do publico.

Deu-nos o **Gymnasio** um engraçado *lever de rideau*, que o sr. Pedro Cabral traduziu de francez com este titulo *A gaiola do papagaio*. E' um pretexto para o publico rir, porque tem á farta ditos engraçados e scenas picarescas, de que tiraram effeitos comicos os artistas que dos papeis se encarregaram.

Na **Rua dos Condes** ha a registrar uma peça nova: *O homem das decimas*, arreglo em tres actos dos srs. Salvador Marques e Penha Coutinho, ambos conhecedores eximios da technica theatral. E d'essa qualidade deram sobeja prova na comedia arreglada taes os qui-pro quos que a enxameiam, a graça que corre por toda ella, o imprevisto das scenas, e a originalidade dos typos.

Dois maestros: Mantua e Rio de Carvalho enriqueceram-n'a com preciosa musica, o actor Roque e Emilia de Oliveira realçaram-n'a com um desempenho primoroso, e nem de tanto se carecia para justificação do exito que *O homem das decimas* tem alcançado.

Com a revista *De risca ao lado* explora o **Rato** o seu genero favorito. E' uma peça de critica aos costumes, apimentada por vezes, outras graciosa, mas feita por maneira a escapar-se á alçada policial. Arthur Ribeiro e Julio Dumont firmam-n'a com os seus nomes, Luiz Junior escreveu para ella musica de feição, o desempenho é muito regular, e o theatrinho do Rato enche-se todas as noites.

No **Colyseu dos Recreios** a *Familia Kreino* é o numero sensacional por excellencia. Meia Lisboa e um quarto de provincia tem ido applaudir esses saltos arrojados, esses acrobatismos extravagantes, essas soberbas attitudes, esses graciosos grupos, todo o original trabalho da *troupe* Kreino, que veio confirmar a excepcional competencia do empresario do Colyseu em organisar e dirigir uma das mais completas companhias de circo que em Lisboa tem sido admiradas e applaudidas, e que não tem superiores na Europa.

JAYNE VICTOR.

